SUMMARIO

CHRONICA

Uma noticia triste:—anticipou-se a visita do outono.

A pallida estação brumosa e melancolica fez-nos, d'esta vez, a pirraça d'apparecer mais cedo, annunciando-se por uns chuviscos impertinentes, que deixaram no mac-adam das ruas e na copa do nosso chapeu alto os vestigios da sua apparição prematura.

Andavam todos por ahi, lamurientos e choramigas, pedindo ao ceu clemente que lhes fizesse a graça d'um refrigerio.

O calor era torrido e teimoso. Das bandas do Norte não vinha um simulacro de brisa. O consumo do gelo e das bebidas frescas tomava umas proporções descommunaes, incompativeis com a magreza dos nossos honorarios burocraticos.

Tudo pedia chuva, como quem pede pão. Tudo suspirava pelo outono, como quem suspira por saudosos amores não vistos ha longo tempo.

Afinal, cahiram os primeiros borrifos cristallinos e gelados. Uma bella noite, á força de supplicas e de rogos, o ceu começou a fazer caretas cá para baixo, a lua velou-se, envergonhada, entre um castello de nuvens pardacentas, e vae senão quando, zas—aguaceiro te valha ...

Eis-nos, pois, com o outono á porta, em riscos de supportar antes de tempo, tambem, as inclemencias d'uma rija e cruenta invernia.

Ora devem confessar que isto é triste. Fresco, muito embora, mas sensabor. O arvoredo dos passeios a despir-se, as folhas dos loendros a cahirem, crispadas e amarellentas, as acacias, inda ha pouco floridas, a entristecerem-nos com a sua nudez impudente, e depois, tudo enchareado e immundo, os fogões accesos envenenando-nos pouco a pouco, a bengala á *directorio* posta a um canto, a gola do *par-dessus* impertigada até ás orelhas, o chapeu de chuva arvorado em *vade-mecum* perpetuo...

O cahir das folhas! Vejam se ha maior enguiço!

N'esta quadra molina é que os phtisicos morrem ás centenas, roidos pela tuberculose e pela anemia. Parece que a escolhem de proposito por ser feia e tristonha, os negregados.

«Aquelle anda com licença do cemiterio, diz o populacho—e vae-se *ao cahir das folhas!*»

O enfermisso outono é, para muitos, o *terminus* fatal da vertiginosa carreira pelo mundo; o emmurchecer de mil esperanças risonhas; a barreira erguida pela mão do destino contra a realisação de muitas fanthasias côr de rosa.

É por isso que eu o detesto, e que a hypochondria me invadiu subitamente a alma, ao sentir gottejar, nos vidros das minhas janellas, o primeiro chuvisco outonal.

Ainda a nós, os felizes, não nos falta com que amenisar a sensaboria d'estas noites incommensuraveis, que se nos avisinham lugubremente, estendendo atraz de si o indispensavel cortejo de ameaças e de trovoadas estrepitosas: temos o grande recurso das casas de espectaculo; da Trindade, que reabriu ha quatro dias; do Gymnasio, que reabre a 14 do corrente, com os *Fidalgos da casa mourisca*; do D. Maria, que dá começo aos seus trabalhos, em 21, com a *Fedora*, depois de alindado, augmentado e correcto; e, finalmente, o recurso de S. Carlos, que promette abrir as suas portas lá para 29 de outubro, dando-nos o *Roberto*, em estreia da *prima-donna* de Reszké e do tenor Guille.

Nós, por fortuna, dispomos de todos estes passatempos: entrevemos já d'aqui, a desafiarem-nos para uns deliciosos cavacos alegres, o morno *foyer* do theatro de D. Maria, os camarins perfumados do theatro lyrico, os bastidores da Trindade e do Gymnasio.

E quando isto não baste, quando o nosso espirito exigente e buliçoso queira mais, pode ainda alargar-se a área das distracções nocturnas, indo ver a Pepa aos Recreios, dando um salto ao Colyseu, onde o *brouhaha* da multidão celebra a pirueta artistica da *voltigeuse* mais em voga, ou tendo a coragem de estender a perna até ao theatro do Principe Real, para nos apavorarmos com a audição de qualquer peça maritima espaventosa, bordada de naufragios horripilantes e de musica em surdina na orchestra.

Dispomos de tudo isto, dissemos nós?

Quem sabe!

Diante das nossas fanthasias quasi a realisarem-se, vemos erguer-se um ponto d'interrogação enorme e terrorista.

Quando mal nos precatarmos, cada um d'esses sonhos pode ficar desfeito e cada um d'esses passatempos aniquilado.

O cholera bate-nos á porta, espreita-nos, ameaça a nossa fronteira. De França foi jornadear pelos Alpes; invadiu a Italia, visitou o Vesuvio, e como se a Italia e a França não bastassem para o seu retouçamento importuno, deu-lhe agora na paneada alastrar-se pela Hespanha, fazendo quartel-general em Alicante, a boa terra das passas graúdas e do *torrão* saboroso.

De Hespanha até á rainha do Tejo dista um passo, e o microbio andarilho, que não conhece distancias por maiores que ellas sejam, pode dar esse curto passo, em quanto nós nos preparamos para fazer a *tournée* dos theatros de Lisboa.

Se não chegar a dal-o, é porque de todo em todo não quer nada comnosco.

Desdobra-se ahi, de norte a sul, uma actividade vertiginosa em estabelecer cordões sanitarios, em montar lazaretos na fronteira, em fundar hospitaes para cholericos, na Capital.

Applaudimos a creação dos ultimos e descremos completamente da efficacia dos primeiros.

Um cordão sanitario, quanto a nós, pela fórma porque elles se estabelecem em todos os paizes, constitue um incentivo poderoso para a propaganda rapida do flagello.

Sobre tudo, um cordão estabelecido pelas nossas tropas na fronteira. Não ha soldado d'infanteria lusitana que resista ás *miradas* incendiarias d'uma andaluza fugitiva. Acenem-lhe as hespanholas com um sorriso, em Elvas, tracem-lhe provocadoramente a mantilha, no Algarve, meneem-se, diante da policia sanitaria d'estes reinos, com *salerosos* requebros, agitando o *abanico* de seda na mão febril, e era uma vez a *consigne* da authoridade, e adeus *cordão* e adeus hygiene e... *viva la gracia!*

Para uma hespanhola não ha *cordões* possiveis, nem mesmo, os da bolsa.

Emfim, Deus ha de fazel-o pelo melhor. Não espalhemos o terror antes de tempo, e continuemos a viver uma vida de noctambulos bohemios, percorrendo alegremente os theatros, em quanto não tivermos de percorrer tristemente os hospitaes, no penoso exercicio da nossa missão de chronista.

Abriu a Trindade com a *Noite e o Dia*, estreiando-se, na *reprise* d'esta formosa *operetta*, uma actriz que tem boa voz e talento promettedor, duas coisas pouco vulgares e por isso mesmo muito procuradas nos mercados artisticos da nossa terra.

Chama-se Aurelia dos Santos, foi importada do Porto, e pareceu-nos rasoavelmente bonita, de longe. Dizem as más linguas que parte d'esta belleza é pedida d'emprestimo á chimica, mas nós não acreditamos a calumnia.

Invejas de bastidores!

A voz é que ninguem lh'a emprestou: constitue uma pertença exclusivamente sua, e teve, por tal signal, o poder de nos deixar maravilhados, apagando do nosso espirito a lembrança de Delmira Mendes.

Quanto a coristas, as mesmas. Nem mais gordas, nem mais magras, nem mais formosas: antes pelo contrario, como se diz em calão popular.

Conta-se que Henri Heine, perguntando-lhe alguem se um determinado sujeito era poeta, respondera entre dois sorrisos:

—Todas as mulheres dansam, mas é preciso passar em revista cem milhões de pernas para encontrar uma bailarina.

Paraphraseando o celebre prosador allemão, nós diremos do corpo coral feminino da Trindade, sem offensa a Francisco Palha:

«Todas as coristas d'aquelle theatro podem jurar-nos que são bonitas, incluindo a propria veterana, sr.ª Canaria: mas depois de as passarmos em revista, uma por uma, nós poderemos tambem jurar-lhes que mentem.»

E d'ahi, talvez isso seja providencial, n'estes tempos de cholera. Talvez!

C. DANTAS

UM AVENTUREIRO ITALIANO EM PORTUGAL

I

No *Temps* de 28 de agosto do corrente anno encontra-se um artigo do sr. Marc-Monnier, que analysa as memorias de um aventureiro italiano, Gorani, que quiz ser rei da Corsega, que esteve em Portugal no tempo d'el-rei D. José, e cujas memorias foram publicadas agora, consagrando-lhes o eminente escriptor francez um longo e minucioso estudo.

É lamentavel que um escriptor de merecimento estude, como um documento precioso para a historia de uma nação, um livro quasi imbecil, em que o pretendente á realeza da Corsega se vinga do marquez de Pombal que serviu com toda a baixeza,

contando a respeito do grande ministro e do paiz que elle governou as mais grotescas anecdotas.

Passemos em claro os incidentes da entrada de Gorani em Portugal, quando elle, montado n'um burro, e habilitando-se com os arrieiros a entender os *Lusiadas*, deliberou, no seu enthusiasmo pela patria de Vasco da Gama, levantal-a do abatimento em que jazia. Passava-se isto em 1764, Gorani vinha fazer concorrencia ao marquez de Pombal.

Não deixa de ser interessante a historia da sua viagem, de como se encontrou em Alcoutim com uns estudantes de Coimbra, que lhe fizeram primeiro grande troça, e depois ficaram sendo os seus melhores e mais dedicados amigos, indo todos juntos, em Evora, divertir-se para uma casa suspeita, onde havia alemtejanas com fartura. Em Lisboa alojou-se na estalagem das *Almas Santas do Purgatorio*, que elle pinta com as côres mais odiosas. A' noite saiu de casa, foi dar uma volta ao Rocio, e encontrou uma preta, que lhe offereceu leval-o a casa de uma bonita rapariga. Ahi lhe succedeu aventura mais grave, porque foi assaltado por uns poucos de homens, que o queriam roubar, e dos quaes fugiu a bom fugir, meio despido, de espada em punho, e esbarrando a cada momento com as ruinas ainda em muitos pontos accumuladas dos edificios derrubados pelo terremoto de 1 de novembro.

Apresentado depois ao marquez de Pombal, para quem trazia cartas de recommendação, recebeu d'este estadista o commando de uma companhia de granadeiros. Foi com elle o marquez, que então era simplesmente conde de Oeiras, da mais completa amabilidade. «Conde de Oeiras» é o titulo pelo qual constantemente o designára o sr. Marc-Monnier, não sabemos se por culpa d'elle, se por culpa do revisor, se por culpa, emfim, do proprio Gorani, o que é menos provavel.

O modo como Gorani lhe pagou foi pintando-o com as côres de um tyrannete de opera burlesca, um ministro com musica de Offenbach, feroz e ridiculo. Que assim procedesse um aventureirosito italiano, cheio de vaidade, que o marquez de Pombal teve de pôr no seu logar, e que, á primeira fustigadella, mordeu logo a mão que o protegera, não admira; mas que o sr. Marc-Monnier acceite sem criterio as mentirolas de Gorani é o que parece um pouco mais censuravel.

O primeiro erro de facto importante consiste em dizer-se que José de Carvalho era apenas um «fidalgote portuguez, protegido por augustos personagens, e pelos jesuitas, que perseguiu depois» quando sobreveio o terremoto. Sabem todos que, em 1755, era Sebastião José de Carvalho ministro havia cinco annos, que antes d'isso fôra embaixador de Portugal em Vienna de Austria e em Londres. Data de 1755 não a sua elevação, mas a sua omnipotencia.

«Carvalho, continua o sr. Marc-Monnier, seguindo Gorani, começou por mandar prender os outros cinco ministros, seus collegas, e mandou-os para Africa, onde, segundo se diz, morreram envenenados.»

Esta phrase parece-se com a definição de camarão, que appareceu n'um diccionario. «Camarão, dizia o lexicographo, é um peixe vermelho que anda para traz». Tem esta definição como se vê, apenas tres erros: é que o camarão não é peixe, não é vermelho, e não anda para traz.

Acontece o mesmo ao periodo citado. Encerra apenas os seguintes erros: os collegas de Carvalho não eram cinco. Sebastião de Carvalho não tratou logo de os mandar prender, não os enviou para Africa, e ninguem disse que lá tivessem morrido envenenados. No mais está certo.

Seguindo passo a passo a narrativa de Gorani, conta o sr. Marc-Monnier uma doença do marquez de Pombal, e declara que «Gorani viu scenas que teriam tentado o pincel de Saint-Simon».

Narra então scenas de melodrama, que acceita ingenuamente como scenas de historia verdadeira.

«O ministro estava n'um estado lamentavel. Não se via nos seus olhos senão terror e remorso: ouviam-n'o gritar: «Traidor! monstro! Queres-me matar? Que te fiz eu? Perdoa-me, fiz mal. Julguei que era necessario». Ou ainda: «Matam o meu rei, assassinam-me! assassinam a minha mulher e os meus filhos!»

Como é que o sr. Marc-Monnier não viu em semelhantes narrativas uma perfeita banalidade de melodrama? Se a alma do marquez de Pombal estivesse á mercê de uma febre qualquer, nunca elle teria feito as coisas que fez. Os homens da sua tempera não sentem ou não manifestam remorsos. Procedendo em virtude dos principios inflexiveis da sua consciencia, que póde illudir-se, mas que os illude a elles tambem, caminham serenos na vida, rodeiados de espectros, que o seu olhar frio e severo affasta constantemente.

Teve remorsos Richelieu de haver decapitado Montmorency, Chalais e Cinq-Mars? Teve alguma perturbação por acaso a consciencia de Robespierre? Não o suppomos. O remorso persegue aquelle que pratica um crime, tendo a plena consciencia do que está praticando; mas o homem, que ordena até carnificinas em nome de um principio que elle reputa sagrado, nunca vê as victimas erguerem-se diante d'elle. Nunca mr. Thiers, suppomos nós, se ergueu de noite, assustado, bradando que o queriam assassinar a elle e a sua mulher. E, comtudo, as carnificinas de Satory provam bem que elle não hesitava, quando suppunha que o exigia o bem da França, em mandar derramar torrentes de sangue humano.

Estas narrativas são reflexo das historias, que os jesuitas contaram e contam ainda hoje ácerca do marquez de Pombal. O odio implacavel da companhia persegue ainda n'este momento a sombra do immortal ministro. Gorani, segundo assevera o sr. Marc-Monnier, fugiu de Portugal em companhia de um padre jesuita, author de uma *Vida do marquez de Pombal*, escripta como bem se poderá imaginar, e que ainda em 1881 se reimprimiu em Yverdun!! *Patiens quia æternus* dizia uma das divisas da ordem. O marquez de Pombal esmagou-os implacavelmente debaixo do tacão vermelho do seu sapato de côrte, mas o marquez morreu, os que aproveitaram com a sua obra deixam indefêza a memoria do que a praticou, e os jesuitas, perseverantes, tenazes, triumphantes, ainda em 1881 reimprimem as calumnias que vomitaram contra elle do fundo dos seus asylos da Allemanha e da Italia, e os escriptores liberaes francezes é ali que vão beber as suas informações.

PINHEIRO CHAGAS.

EXCENTRICOS

(STANZZAS AO SOL)

—*É quem inspira estranhas theorias*...—

GOMES LEAL.

I

Como uma enorme pilula de luz,
Vejo o sol a sorrir os seus sorrisos de oiro
Na doida convulsão d'allucinado estoiro,
Como uma enorme pilula de luz!

II

Como o olho d'um gato visto á noite
Na penumbra d'um beco, em algidez nervosa
D'um seu felino amor na *cor dolorosa*...
Como o olho d'um gato visto á noite!

III

Como se põe uma camelia ao peito
Branca, nevada, *chic*, original, gloriosa,
Quizera pôr-te, ó sol, n'uma mulher radiosa.
Como se põe uma camelia ao peito!

IV

Como um soberbo e bom relogio d'oiro,
Se eu podesse, subindo ao cimo da trapeira,
Arrancal-o do azul—mettia-o na algibeira
Como um soberbo e bom relogio d'oiro!

V

Como um grande botão no meu casaco,
Que coisa estranha, o Sol, que ter o Genio e a Arte
Para fazer um fato, indo depois pregar-te
Como um grande botão no meu casaco!

VI

Como um *gommeux* do grande *boulevard*,
Em vez de pôr ao peito um simples malmequer,
O meu *chic* era assim:—pôl-o na *boutonnière*
Como um *gommeux* do grande *boulevard*!

VII

Como um confeito cheio d'oiro e luz
Eu penso em engulil-o assim redondo e doce,
Curar com elle emfim, o meu pigarro e a tosse,
Como um confeito cheio d'oiro e luz!

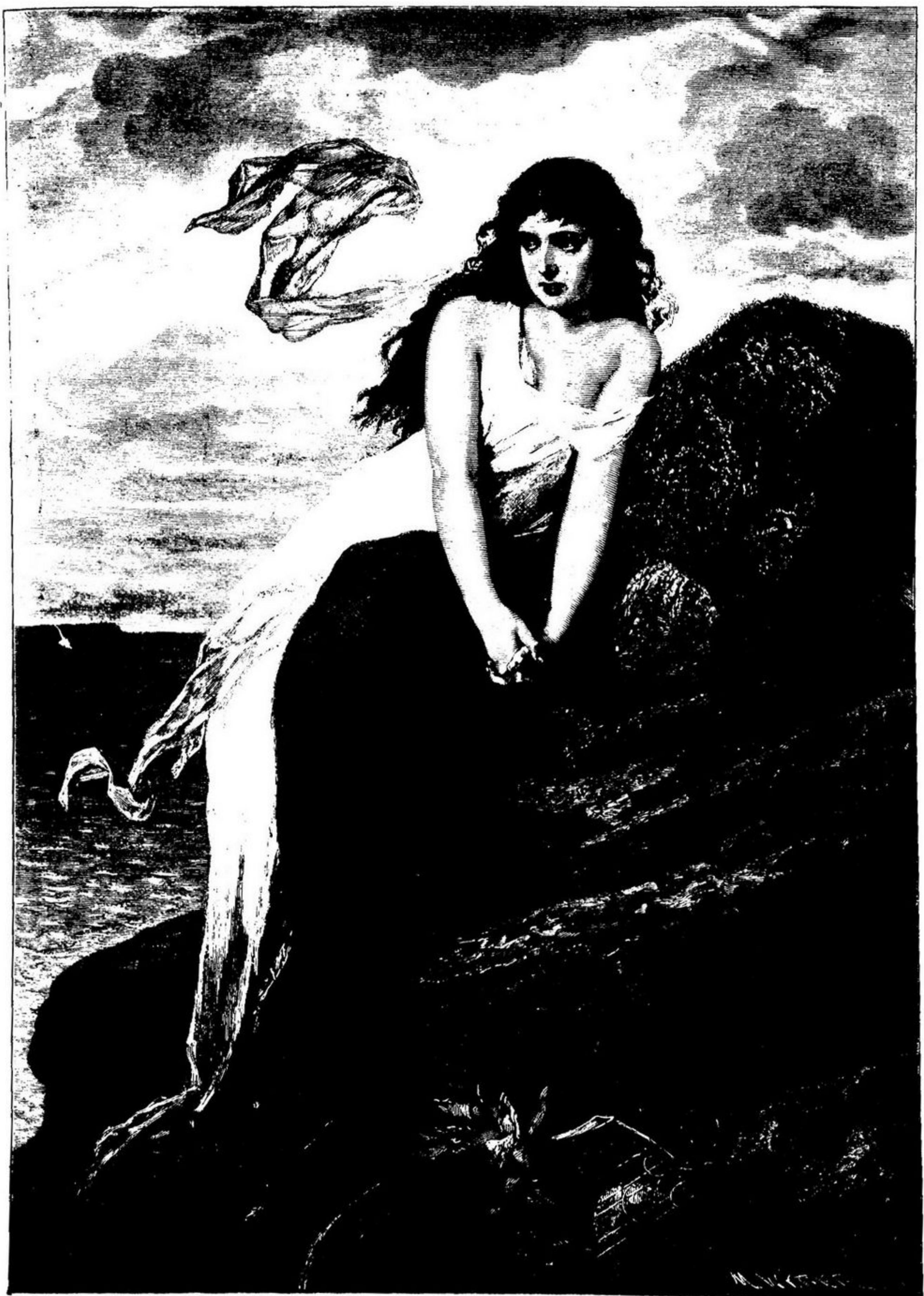
VIII

Como um rico monoculo radioso,
Ir buscal-o ao Azul, mandar-lhe pôr um aro
E trazel-o depois—extraordinario e raro!—
Como um rico monoculo radioso!

IX

Como uma real, soberba gemma d'ovo,
—Assim elle escorregue e o *Pae do Céu* não estranhe!—
Devoro-o n'um almoço, *ás onze*, com Champagne,
Como uma real, soberba gemma d'ovo!

A ALEGRIA DA CASA (Quadro de M. Michael)

UMA FORMOSURA

SAPPHO (Quadro de W. Umberg

X

Como uma hostia de luz maravilhosa,
Nas mãos do meu Prior, em pé, junto ao altar,
Onde o fosse em silencio e crente commungar,
Como uma hostia de luz maravilhosa!

XI

Como uma enorme condecoração,
E, para que ao passar o povo se descubra,
Eu pol-o-ia ao peito e n'uma fita rubra
Como uma enorme condecoração!

XII

Como em rica bandeja feita d'oiro,
Ou limpido crystal de luminosos tons,
Eu iria com elle offerecer bonbons,
Como em rica bandeja feita d'oiro!

XIII

Como um ponto final feito de luz
Eu queria, em conclusão, tiral-o do Universo,
E collocal-o aqui, no meu ultimo verso,
Como um ponto final feito de luz!

IGNACIO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA CARAVANA DE CIGANOS

Extraordinaria raça aquella, que foge systematicamente ao bulicio do mundo, em meio da civilisação d'este seculo!...

Dir-se-ia que os incommoda o contacto das sociedades modernas; que a luz dos centros populosos, em que vivemos, lhes fere os olhos; que precisam de horisontes mais vastos por onde espraiem a vista.

Seja pelo que fôr, aquelles bohemios preferem ás cidades, ás villas e ás aldeias, o isolamento dos campos sem limite, e ahi vivem e ahi gozam e ahi amam.

A nossa gravura é uma prova d'este asserto.

A ALEGRIA DA CASA

Aquelle *bambino*, que mal ensaia os primeiros passos e balbucia uns dissylabos incorrectos, é a alegria da casa.

Os seus castos sorrisos d'innocente apagam todas as tristezas do lar modesto, dissipam todas as nuvens levantadas, de quando em quando, na atmosphera do *ménage*.

Se o pão não abunda e é preciso trabalhar com mais affinco, basta uma gracinha do pequeno para avigorar os paes no aturado labor da costura e da officina. É que os fracos tambem teem o seu poder, e o das creancinhas é grande.

Que seria muitas vezes da miseria, se não lhe servisse de amparo e de conforto o meigo olhar d'uma creança?

SAPPHO

Segundo rezam as chronicas, viveu no seculo VI antes de Christo, esta celebre poetisa de Mitylene, e a sua existencia deu logar a uma serie de lendas, que nos teem sido transmittidas até hoje, de geração em geração. Diz-se que Sappho era de familia nobre e foi forçada a refugiar-se na Sicilia. A historia do seu amor pelo joven Phaon parece não ter passado d'uma pura fanthasia dos poetas do seculo V. A tradição, segundo a qual Sappho se despenhou do alto promontorio de Leucade, ao ver-se desdenhada por Phaon, é mais recente.

Não está averiguado que a bella Sappho perpetrasse o famoso *salto de Leucade*, mas o que se sabe é que fazia versos, que se acompanhava á harpa, e que escrevia em dialecto eolico.

Attribue-se-lhe a invenção do metro *sapphico*, adoptado por Horacio.

Com estes predicados, e a ser certo que era tão formosa como a nossa gravura a representa, não comprehendemos o motivo porque o tal Phaon a desdenhava.

UMA FORMOSURA

Não ha formosa sem *senão*, mas esta, francamente, ainda nos não evidenciou um só, talvez por se exhibir aos nossos olhos em simples gravura.

Pode muito bem ser que o original,—se elle existiu, e se o quadro não é apenas o producto d'uma fanthasia d'artista,—tivesse muitos *senões*. Assim, tal qual se nos apresenta, com aquelles bellos olhos profundos como mysterios e aquelle formoso busto de estatueta de Saxe, temos obrigação de confessar que é uma formosura correctissima.

Não quer isto dizer que toda a gente deva consideral-a da mesma fórma. Cada qual tem os seus gostos, e em questões de gostos não ha contendas.

VARZEA DE COLLARES

Quem ha ahi que não conheça aquelle paraiso? Quem ha ahi que não tenha passado algumas horas de suavissima melancolia á sombra d'aquellas arvores que bordam o extenso rio, que por entre ellas se deslisa, e o cobrem de folhas e de flores?

E' em tudo delicioso aquelle ameno sitio, que tem bellezas só a si eguaes.

Que formosura a d'aquelle valle! Que perfumes e que fructos os d'aquelles pomares!

Que silencio! Parece que até as brisas comprimem os seus suspiros n'aquelle saudoso ninho de fadas!

Se perguntarmos á tradição a origem d'aquelle nome, contar-nos-ha uma lenda repassada de poesia, como ella sabe e conta a respeito de todos os logares em que a natureza espargiu os seus mais mimosos encantos.

Era o mouro Zeilão senhor de Lisboa, diz-nos ella. Desejou certa dama edificar um castello, á sombra d'aquelles frondosos arvoredos: pediu dinheiro emprestado ao mouro e deu-lhe em penhor os seus *Collares*.

Aceitemos para o nome d'aquella villa esta origem, e deixemos a que outros lhe attribuem, que é a dos *collos* ou *collinas*, entre os quaes a villa está situada.

O certo é que o castello, ou um castello, lá está, e que as proprias armas de Collares o representam entre arvores.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. J. N. DA GLORIA.—Bensafrim—Seja bem vindo o sympathico serrano algarvio, com as suas decifrações exactissimas e as suas charadas de mestre.—Podem ellas contar sempre com um affectuoso acolhimento, como o author deve contar com a nossa estima.—Lá enviámos o 3.º numero.

EXPEDIENTE

Todos os nossos leitores e assignantes, que nos quizerem enviar as suas producções poeticas ou charadisticas, deverão,—conforme dissemos no primeiro numero d'este semanario,—sobrescriptal-as a *Tom Pouce*, e só a elle, para quem, egualmente, será endereçada toda a correspondencia alheia á parte administrativa da *Illustração Portugueza*.

TOM POUCE.

CHARADAS

EM QUADRO

. . . . Propheta
. . . . Animal
. . . . Animal
. . . . Verbo

Bensafrim. G.

NOVISSIMAS

Este instrumento e esta vasilha sulca os mares—1—2.

Esta bebida é ave na procissão—1—2.

N'este momento, aqui, está na musica um reptil feroz—1—1—1.

Esta fructa invertida cheira—3.

Ponte de Sôr. A. F. ANDRADE.

Meu irmão no Brazil faz exercicio—2—1.

Redondo. M. CUSTODIO RAMOS.

Este homem na Italia é um padre—2—1.

Esta preposição é uma proposição na grammatica—1—2.

Villa de Rei. J. NUNES TAVARES

ELECTRICAS

A's direitas mulher, ás avéssas tem pennas—2.

A's direitas ou ás avéssas no animal—2.

A's direitas ou ás avéssas dá leite—2.

Braga. A. Viegas.

LOGOGRIPHO

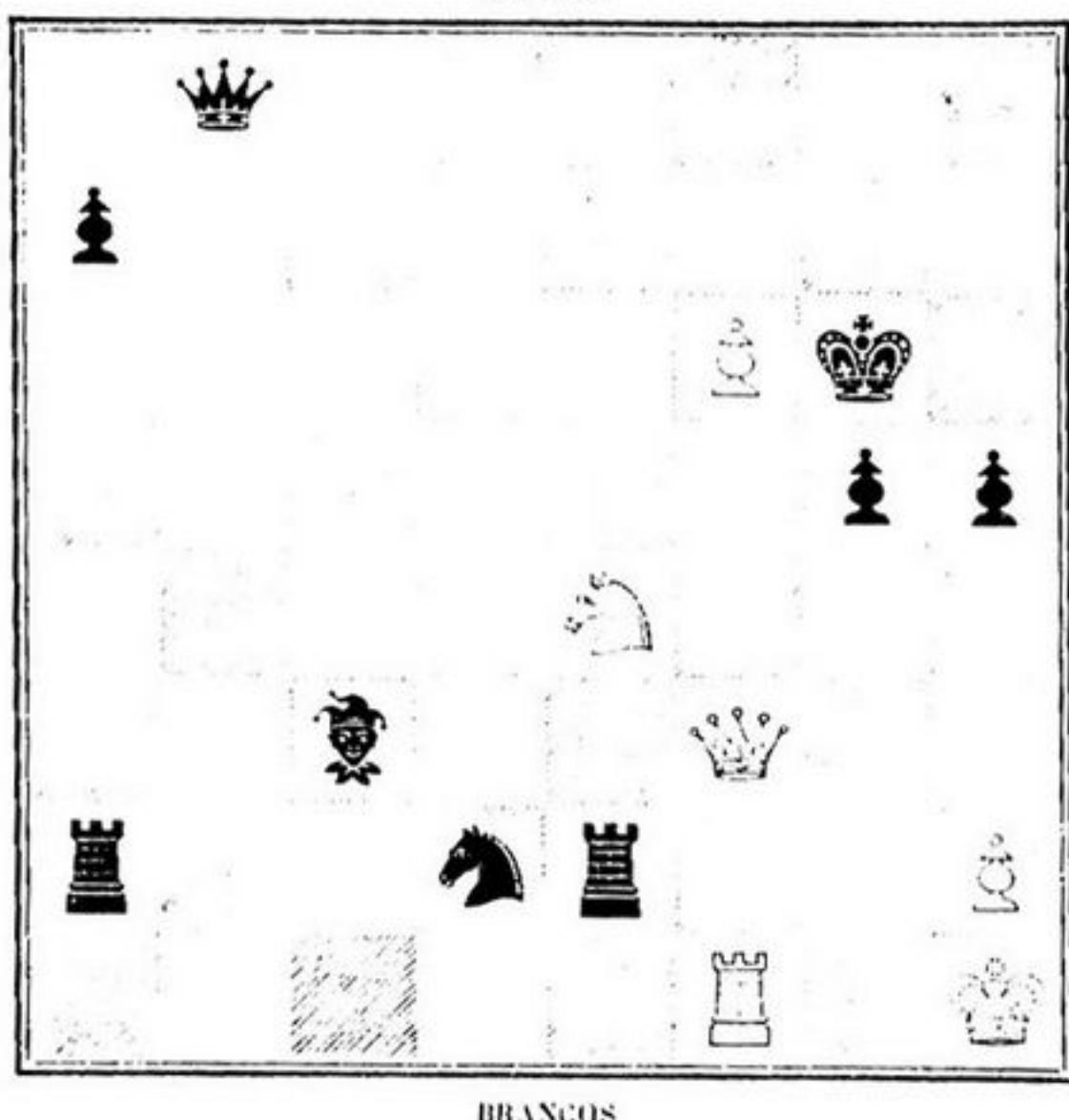
Estofo—3—1—4—1
Animal—3—1—4—5
Uma nota—4—5—2—3—1
Pastoral—1—3—5—4—5

Microbio
De Portugal.

Cunha Vianna e Cunha Rosa.

XADREZ

PROBLEMA N.º 8

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Dois individuos caminham na mesma direcção e sentido, partindo no mesmo instante de pontos cuja distancia é 750 kilometros. O que vae na frente percorre 50 kilometros no primeiro dia, e augmenta o seu andamento 2 kilometros em cada dia: o outro caminha 35 kilometros no primeiro dia, e augmenta em cada dia a sua marcha 5 kilometros.

Pergunta-se quanto tempo é necessario para elles se encontrarem.

Moraes d'Almeida.

A RIR

—Vamos, Amelia, minha filha, socega. Teu marido ama-te ainda.

—Crê isso? Mas porque me chamou elle, hontem á noite, Beatriz?

*

Em Cintra:

A viscondessa, cheia de indignação, para um addido d'embaixada:

—Então o sr. deixou *transpirar* o nosso segredo?

—Que quer, viscondessa? Se o calor é tanto!

*

No Gremio:

—Escute, meu caro. Aquelle pateta de X... pretende que você não é nobre. Eu, no seu logar, para o confundir, mostrava-lhe a minha arvore genealogica.

—Uma arvore? .. Na minha familia ha mais que uma arvore: ha uma floresta!...

Um Dominó.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.ª—Vagalume.
2.ª—Sabá.
Açor.
Bote.
Área.
3.ª—Torpedo.
4.ª—Arminho.
5.ª—Arcano.
6.ª—Papafigos.
7.ª—Arealião
8.ª—Pandemonio.
9.ª—Homothermal.

Da pergunta enigmatica:—Camba.

Das adivinhas populares:

1.ª—Mostarda.
2.ª—Caixão de defunto.

Xadrez—Solução do 7.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. toma T. cheque.	1. C. toma B.
2. D. 8 C. D. cheque.	2. C. toma D.
3. T. 8 D. cheque e mate	

Do problema:—72 abelhas.

UM CONSELHO POR SEMANA

O calor do estio escalda o sangue, fazendo apparecer, no rosto formoso das damas, alguns furunculos que as desesperam.

Ha um meio simples de destruir estes impertinentes, macerando uma porção de folhas de campainhas e applicando-as logo sobre o ponto onde elles appareçam. E' remedio santo.

A MAXIMA DE TALLEYRAND

A egreja estava cheia de convidados.

Os noivos, na sachristia, recebiam os parabens.

Uma opulenta ostentação de toilettes e um subtil aroma de bom tom fluctuavam ao longo das naves.

A noiva, morena, cabellos abundantes, olhar profundo, sorriso enigmatico, edade de heroina de Zola, na plena maturação da experiencia, no vigoroso desabrochamento da mocidade...

O noivo, esbelto, desempenado, grave, um pouco triste.

A' porta, as carruagens faziam cauda.

Grupos de curiosos estacionavam no adro.

No numero dos convidados, poucas senhoras; muitos homens condecorados e algumas meninas, vestidas de tulles diaphanos, esvoaçando na penumbra do templo como revoadas de pombas.

No adro, os dialogos cruzavam-se:

—Rica viuva! quem podesse deitar-lhe o gancho!...

—Bonita e millionaria!...

—E o noivo?

—O noivo é o Albuquerque da batota. Não tem vintem!

—Casamento de inclinação?

—Não se sabe! O primeiro marido suicidou-se. Diz-se que, por uma clausula do testamento, a viuva foi obrigada a casar com o Albuquerque, sob pena de perder a herança.

—Homem, que celebreira!...

—Porque se mataria o Barroso? Um homem rico, estimado, casado com uma mulher encantadora!...

—Foi cousa que lhe deu pela cabeça.

—O Barroso era muito amigo do Albuquerque. Tinham sido creados juntos. Foi elle que lhe salvou a vida, em Cascaes, no dia em que o Albuquerque, um estroina! apostou com o Lourenço Viegas que era capaz de nadar até ao Bugio.

—O Barroso trabalhou como um negro! Foi ao Brazil, foi a Guiné. Os milhões não lhe cairam do céu!

—E o Albuquerque, em que se empregava o Albuquerque?

—O Albuquerque não fazia nada: jogava, nunca teve outro emprego: jogava!

—Que ratice! O Barroso, um homem feliz, um homem exemplar, um bello rapaz, em todo o sentido, mette uma bala na cabeça. O Albuquerque, um doidivanas, um jogador, apanha o bolo e vae gosar o que o outro adquiriu!

—E o que diz a isso a viuva? o que fez ella quando o marido se suicidou?

—A viuva mostrou-se inconsolavel: nunca mais quiz ir aos divertimentos; fechou-se em casa, renunciou a tudo, e só saía, de manhã cedo, em um coupé com os *stores* corridos, para ir rezar e chorar no tumulo do marido.

*

Terminada a ceremonia, os noivos despediram-se dos seus amigos e convidaram os padrinhos para irem jantar, ás 7 horas.

—Um coupé fechado, com um molle estofo cinzento perola, impregnado de aromas fortes, recebeu-os e partiu a trote largo.

—Finalmente!... disse a noiva, enlaçando com uma ternura impetuosa a cabeça do noivo e beijando-o no cabello.

—Minha Henriqueta!

—Sou tua, és meu, acabaram-se os terrores, os remorsos!...

—Cala-te! fez o Albuquerque, empallidecendo, tapando-lhe a bocca com a mão, e relanceando em torno de ambos um olhar inquieto.

—Que tens? perguntou a noiva, surprehendida.

—Esqueçamos o passado, o passado deixou de existir: não me recordes que fui um traidor!...

—Mas, meu pobre querido, nós não fizemos mais do que obedecer á vontade d'elle.

—Teu marido suicidou-se!...

—Sim, é verdade... suicidou-se... balbuciou ella, fechando os olhos, com um fulgor no espesso véu das pestanas. Bem sabes que não tive a culpa!

—Porque se suicidou teu marido? insistiu Albuquerque, com a implacavel obstinação de uma idéa fixa.

—Porque? Sei-o eu por ventura? Que te importa, se me amas? concluiu, envolvendo-o em um longo olhar apaixonado.

O coupé parou. Um creado de casaca veiu abrir a portinhola, e a noiva, precedida do noivo, desceu, desdobrando no *parquet* do vestibulo, guarnecido de vasos de flores, a longa cauda do vestido, espumada de rendas e salpicada de pequeninos raminhos de murta, de uma alvura immaculada.

*

No dia immediato, Albuquerque e a esposa tinham acabado de almoçar, dilatados no delicioso conforto do *menage*; ella suspensa dos olhos d'elle, elle arrebatado na ineffavel contemplação mental dos variados e multiplos gosos que iam procurar-lhe os milhões da esposa.

Um creado annunciou o sr. tabellião Zeferino.

—Lastimo, disse o tabellião comprimentando, e aceitando a cadeira que lhe offereciam, lastimo ver-me obrigado, em virtude dos deveres do meu cargo, a incommodar vv. ex.as, vir lo lançar uma sombra na sua felicidade e avivar uma recordação, que de certo lhes ha de ser penosa..

Uma ruga avincou a fronte de Albuquerque.

O formosissimo rosto de Henriqueta exprimiu apenas a surpreza, ligeiramente sceptica, da mulher feliz, superior, na plenitude do seu ditoso egoismo, a toda e qualquer eventualidade.

O tabellião, concertando os oculos, inclinando-se pela segunda vez, extraiu da algibeira uma carta, fechada com lacre preto.

—O sr. Barroso, que Deus tem, acrescentou o tabellião, muito solemne, confiou-me esta carta, ordenando-me que a entregasse ao seu amigo Manuel de Albuquerque, no dia 8 de maio. N'essa occasião, participou-me que ia viajar. Pouco depois, succedia a terrivel catastrophe. Estamos hoje a 8 de maio. Cumpro a minha missão.

Albuquerque, com um imperceptivel tremor nos labios, pegou na carta. O tabellião levantou-se, comprimentou e saiu.

Albuquerque rasgou, com gesto nervoso, o sobrescripto da carta. Em um segundo sobrescripto, lia-se:

«Para ser entregue ao meu amigo Manuel de Albuquerque, depois de casado com a minha viuva».

Abriu a carta, leu, vagamente, fez-se livido e deu um grito.

—Que tens tu? perguntou Henriqueta, atirando-se-lhe aos braços. Elle repelliu-a com violencia.

—Assenta-te, disse com voz rouca, e ouve!

Depois, passando a mão pela testa, orvalhada de suor frio, leu o que se segue:

*

«Manuel,

«—Faço votos pela tua felicidade, e acredito que ella possa existir, porque todas as monstruosidades são admissiveis, em relação a uma alma da tempera da tua. Ao retirar-me da vida, que desde certo tempo me incommodava, dou a mim mesmo os parabens por ter salvo a tua. Era realmente para lamentar que se perdesse no insondavel abysmo das ondas um tão curioso exemplar da perversidade humana, cujo craneo merece figurar, de futuro, no archivo de alguma douta academia, que tenha por missão collecionar os craneos célebres e empalhar os animaes raros. Dize á minha exesposa que lhe fiz presente da existencia, (que lhe recommendo que conserve preciosamente), lembrando-me da célebre maxima de Talleyrand: «*A vingança é um manjar que se deve comer frio*». Morro tranquillamente, porque não levo saudades de pessoa alguma. Mas como desejo que o meu nome possa ser repetido por uns labios puros, e que a minha memoria possa ser invocada por um coração affectuoso e grato, confio, n'esta data, um codicillo ao meu tabellião, o qual tem ordem de o abrir quinze dias depois da leitura d'esta carta. N'esse codicillo lego toda a minha fortuna ás viuvas honestas e aos asylos da infancia desvalida.

«Assignado.

«*Antonio Barroso.*»

*

Um mez depois, Manuel de Albuquerque intentava, nos tribunaes, acção de divorcio contra sua mulher, allegando incompatibilidade de caracteres.

E D. Henriqueta levava aos tribunaes uma queixa contra o marido, accusando-o de sevicias graves, exercidas no domicilio conjugal. Por uma curiosa coincidencia, precisamente no fatal instante em que os milhões de Antonio Barroso sairam pela porta, voou pela janella o amor de Manuel de Albuquerque!

GUIOMAR TORREZÃO.

VARZEA DE COLLARES

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA